



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Barbara Maria Conceição Pereira

**O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS DAS CLASSES POPULARES:  
UM RECORTE DA ALFABETIZAÇÃO NA E. M. JOSÉ DE ANCHIETA**

São Gonçalo  
2011

Barbara Maria Conceição Pereira

**O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS DAS CLASSES POPULARES: UM  
RECORTE DA ALFABETIZAÇÃO NA E. M. JOSÉ DE ANCHIETA**



Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito essencial para obtenção do Grau em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mairce da Silva Araújo

São Gonçalo

2011

Barbara Maria Conceição Pereira

**O desafio da alfabetização de alunos das classes populares: um recorte da alfabetização  
na E. M. José de Anchieta**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de graduação em  
Licenciatura Plena em Pedagogia pela  
Faculdade de Formação de Professores da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em Março de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mairce da Silva Araújo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2011

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus,  
pois sem Ele, nada seria possível.  
Aos meus pais Sebastião e Maria das Graças;  
pelo esforço, dedicação e apoio,  
em todos os momentos desta  
e de outras caminhadas.  
Ao meu marido Raphael,  
por sua compreensão e amor*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer àqueles que contribuíram de maneira relevante à realização do presente trabalho monográfico: venho agradecer primeiramente a DEUS, pois sem ele nada posso, nada sou. Agradeço a Ele pela oportunidade e pelo privilégio que me foram dados em frequentar este curso e vivenciar tamanha experiência.

Em seguida agradeço aos meus pais, que me incentivaram e possibilitaram minha entrada na Universidade; que junto a mim se empenharam nessa batalha para que meus objetivos fossem alcançados. Meus infindáveis agradecimentos aos meus pais, pois sem eles não poderia ter chegado aonde cheguei. Ao meu pai Sebastião, por todo amor e dedicação que sempre teve comigo, homem pelo qual tenho maior orgulho de chamar de pai, meu eterno agradecimento pelos momentos em que estive ao meu lado. A minha mãe Maria das Graças, por ser tão dedicada e amiga, por ser a pessoa que mais me apoia e acredita na minha capacidade, meu agradecimento pelas horas em que ficou ao meu lado não me deixando desistir e me mostrando que sou capaz de chegar onde desejo.

Agradeço ao meu marido por ter aceito muitas vezes se privar de minha companhia pelos estudos, concedendo a mim a oportunidade de me realizar ainda mais e por todo carinho dispensado em todos os momentos que precisei.

À amiga Deise agradeço pela verdadeira amizade, pelo incentivo e ajuda para que eu conseguisse concluir esse trabalho.

Não posso deixar também de fazer menção aos professores da Escola Municipal José de Anchieta, em especialmente, a professora Lucimar pela parceria e estímulo.

A professora orientadora por seu apoio no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a execução e conclusão desta monografia.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos e familiares, pelo carinho e pela compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado meu eterno AGRADECIMENTO.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1 - ALFABETIZAÇÃO UM DESAFIO CONSTANTE.....</b>	<b>12</b>
<b>2- A ENTRADA NA PESQUISA: ENTRE A ATRAÇÃO E O MEDO.....</b>	<b>13</b>
<b>3- O VAI E VEM DO PASSADO – UMA COLCHA DE RETALHOS: MEMÓRIAS DOS ALUNOS DO MORRO DO CÉU.....</b>	<b>21</b>
<b>4 - PROJETOS DE LEITURA – QUANDO TODA A ESCOLA SE MOBILIZA EM TORNO DO ACESSO À LEITURA E À ESCRITA.....</b>	<b>31</b>
<b>4.1- Feira Literária: um dos projetos de iniciativa da escola.....</b>	<b>32</b>
<b>4.2- Trabalhando com os contos de Pedro Malasarte – aderindo aos projetos propostos pela Fundação Municipal de Educação.....</b>	<b>35</b>
<b>4.3- Trabalhando com o texto O Soldadinho de Chumbo: construindo identidades com os autores literários.....</b>	<b>37</b>
<b>5 - ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>

## RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo analisar especificidades na Metodologia da Alfabetização de Alunos das Classes Populares trazendo experiências realizadas numa escola da rede pública de Niterói, a Escola Municipal José de Anchieta. Busca mostrar que refletindo sobre seu fazer pedagógico o professor é capaz de criar práticas pedagógicas adaptadas à realidade e vivências destas crianças a fim de possibilitar reais condições aos seus alunos de produção de leitura e escrita. A pesquisa definiu-se como um relato de experiência. Optamos por adotar como procedimento metodológico o estudo qualitativo fazendo uso de alguns instrumentais da pesquisa etnográfica por meio da observação participante, do caderno de campo e de oficinas pedagógicas, sendo elas da memória e de leitura. No que tange ao aporte teórico, nossos principais interlocutores foram Freire (2004), Garcia (2001) e Araújo (2001). O resultado é um trabalho de reflexão que ratifica o papel social e a importância do/da professor/a no enfrentamento do desafio de alfabetizar Alunos de Classes Populares. Conclui-se que a pesquisa não se propõe a apresentar receitas infalíveis e sim as possibilidades surgidas a partir da mobilização de todos os sujeitos escolares em prol de uma alfabetização de qualidade.

Palavras-chave: Alfabetização; Classes Populares; Ambiente alfabetizador; ação-reflexão-ação.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico aborda o tema **Metodologia na alfabetização de alunos das classes populares** por observar que alfabetizar as crianças das classes populares no Brasil ainda é um desafio. É grande o meu incômodo diante da situação da alfabetização de uma parte expressiva dos/das alunos/as das classes populares, cujo destino, segundo a fala de alguns, está fadado a ser um analfabeto.

Como informa os Indicadores Sociais do IBGE<sup>1</sup>, de 2006, o Brasil tem 33 milhões de analfabetos funcionais (cerca de 18% da população), ou seja, pessoas com menos de quatro anos de estudo, e 16 milhões de pessoas com mais de 15 anos que ainda não foram alfabetizadas.

Segundo Cagliari (1993) o desafio da escola, especialmente a pública, não está na alfabetização das crianças das classes letradas que muitas vezes já chegam à escola sabendo escrever, mas na alfabetização das crianças das classes populares. Por este motivo, o objetivo deste trabalho é analisar que especificidades os alunos/as de classes populares trazem para as metodologias de alfabetização.

A escolha deste tema deu-se também em função de observar que muitas professoras ao entrarem na escola pública pensam que o processo de alfabetização de seus/suas alunos/as se dará do mesmo modo como ocorria nas suas experiências anteriores em escolas privadas, no entanto na prática elas comprovam o contrário.

As crianças da classe média parecem chegar à escola com um domínio maior das funções sociais da escrita, no entanto, os/as alunos/as das classes populares, embora experientes em muitos domínios que envolvem o conhecimento, especialmente no que tange à sobrevivência, grande parte das vezes, ainda não têm de uma forma clara definidas essas funções, apesar de estarem inseridos numa sociedade letrada. Sendo assim, na alfabetização das crianças das classes populares, a escola deveria tomar como ponto de partida os conhecimentos prévios desses/as alunos/as, mesmo que não tenham a leitura e a escrita como base, e ajudá-los/as a articular suas “leituras de mundo com a leitura e a escrita da palavra”, como nos ensinava Freire (2004).

---

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Como professora da rede pública dos municípios de Niterói e São Gonçalo vivenciei a mesma experiência ao chegar à escola pública onde me deparei com uma realidade completamente diferente da que havia vivenciado até então em instituições de ensino privadas.

Assustei-me ao perceber que os alunos chegavam à escola sem ter contatos com materiais imprescindíveis para a realização do trabalho pedagógico, como livros, revistas, jornais etc. e sem uma noção mais clara da função social da escola. Ficou claro para mim que a escola pouco significava para eles. Alguns deles chegam à escola sem ter tido nenhuma relação com a leitura e escrita, pois muitas vezes são filhos/as de pais e mães analfabetos/as e por isso não vivenciam práticas de leitura e escrita em suas casas.

Uma experiência marcante para mim foi quando ao solicitar a realização de uma atividade de recorte e colagem onde recortariam palavras com a vogal trabalhada, os alunos não realizaram. E depois fiquei sabendo que não possuíam os materiais necessários para sua efetivação. Nesse momento, minha atuação como professora daquela instituição se transformou, percebi que precisaria criar mecanismos para que conseguisse alcançar êxito nas propostas lançadas, criei com a turma uma caixa de recorte, a qual todos tinham acesso.

Posteriormente a escola fez doação de diversos materiais escritos como: livros e revistas para que os/as alunos/as levassem para casa. A escola procurava demonstrar com essa atitude sua preocupação em disponibilizar para seus/suas alunos/as o acesso aos materiais escritos, com intuito que a leitura e a escrita não se tornasse um hábito somente do aluno, mas também de toda sua família.

A experiência demonstrava para nós que para aqueles/as alunos/as a escola seria a principal via de acesso a leitura e a escrita. Percebendo isso, a escola se responsabilizava em proporcionar não só na sala de aula, como também buscando construir uma parceria com a família, um ambiente alfabetizador, na perspectiva descrita por Ferreiro<sup>2</sup>. Um ambiente alfabetizador, que faça uso das leituras de mundo e das vivências das crianças como ponto de partida para apropriação da leitura e escrita, é

---

<sup>2</sup> Na perspectiva de Ferreiro: "Em cada classe de alfabetização deve haver um "canto ou área de leitura" onde se encontrem não só livros bem editados e ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha a escrita (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos etc.) Quanto mais variado esse material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças e diferenças e para que o professor, ao lê-los em voz alta, dê informações sobre "o que se pode esperar de um texto" ( FERREIRO apud ARAÚJO, 2001, P. 142 )

uma estratégia importante na aproximação do mundo da escola e o mundo fora da escola, é o que nos ensina Araújo (2001).

Para alcançar o objetivo desejado neste trabalho monográfico, há que se pesquisar a prática de professoras alfabetizadoras que trabalham com alunos/as de classes populares. Segundo Esteban (2001) a maneira como a professora recebe e encaminha os/as trabalhos de seus/suas aluno/a pode contribuir para possibilitar seu sucesso ou seu fracasso.

Na pesquisa em questão, a atenção foi voltada para o desafio da alfabetização na Escola Municipal José de Anchieta, instituição onde trabalho.

Assim, buscando refletir sobre alguns caminhos percorridos na E. M. José de Anchieta visando enfrentar os desafios da alfabetização das crianças das classes populares apresento alguns textos que foram elaborados a partir da experiência vivida nesta instituição escolar.

A presente monografia encontra-se estruturada em cinco seções. Na primeira, ALFABETIZAÇÃO UM DESAFIO CONSTANTE, faço uma discussão sobre a interdição à leitura e à escrita no Brasil, que atravessa nossa própria história, apontando que a escola ainda apresenta dificuldade de entender as necessidades dos alunos/as das classes populares, buscando assim apresentar as possibilidades surgidas a partir de uma prática dialógica rumo a construção de ambientes alfabetizadores mais potentes.

Na segunda seção, intitulada A ENTRADA NA PESQUISA: ENTRE A ATRAÇÃO E O MEDO, faço um relato de experiência apresentando uma preocupação em relação ao contraste social das minhas vivências pessoais com as vivências dos meus alunos/as, porém observo que só conhecendo suas histórias de vida é possível criar uma atmosfera dialógica entre nós, na qual o conhecimento se produza.

Já na terceira seção, O VAI E VEM DO PASSADO – UMA COLCHA DE RETALHOS: MEMÓRIAS DOS ALUNOS DO MORRO DO CÉU compartilho uma experiência vivida com meus/minhas alunos/as. Desafiada a trabalhar com as experiências das crianças para que a partir das suas leituras de mundo eles pudessem mobilizar suas escritas elaborei o projeto Costurando memórias, onde a partir do trabalho memorialístico na instituição escolar construímos espaços narrativos que envolviam os diversos sujeitos escolares agregando novas significações a identidade local.

Na seção chamada PROJETOS DE LEITURA – QUANDO TODA A ESCOLA SE MOBILIZA EM TORNO DO ACESSO À LEITURA E À ESCRITA, resgato alguns projetos vivenciados coletivamente por todos os sujeitos escolares e a riqueza destes na criação de novos ambientes alfabetizadores.

E por último, em ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS, apresento algumas conclusões provisórias a respeito da necessidade da escola criar oportunidades que possam atender as demandas e necessidades dos/as alunos/as para que os/as mesmos/as dominem a linguagem escrita como uma ferramenta de interação e intervenção no meio social.

## 1- ALFABETIZAÇÃO: UM CONSTANTE DESAFIO

Há anos discute-se no Brasil a alfabetização das classes populares e este debate vai desde a busca pelos culpados pelo analfabetismo às ideias mirabolantes e salvadoras. No entanto, pesquisadores/as e intelectuais comprometidos/as com a transformação social, tais como Garcia (2001), Oliveira (s/d), Araújo (2001) tem nos ajudado a perceber que o que não se discute é que a “interdição do ato de ler feita ao povo brasileiro existe desde sua origem e serve para manutenção do *status quo*”. (Garcia, 2001). Historicamente as classes populares nunca tiveram assegurado o direito à leitura e a utilização da linguagem escrita como ferramenta de transformação, de luta e de autonomia devido ao projeto de dominação existente, o qual teme que a apropriação da leitura e escrita possa gerar inconformismo em relação à ideologia dominante.

Assim, a reflexão acerca da alfabetização das classes populares implica em pensar num modelo de sociedade diferente do modelo atual, como afirma Garcia (2001), a sociedade produz o fracasso escolar com intuito de manter o seu caráter excludente.

Desde a origem do Brasil a interdição à leitura e a escrita fez parte de um projeto político. Ensinava-se aos índios para catequizá-los e dominá-los, não para emancipá-los. Conforme nos apresenta Oliveira (s/d) o projeto de impedimento à produção e circulação da palavra escrita, pode ser exemplificado pela criação de algumas leis, já nos anos de 1710 a 1794 que vetavam as letras de imprensa, a existência do correio no solo brasileiro, bem como o despacho de livros. Em 1747, a gráfica da Colônia foi queimada a mando do governo português e no ano de 1800 a instituição do curso de primeiras letras (alfabetização) foi repreendida. Todos os episódios citados exemplificam que a interdição a leitura e a escrita é uma questão antiga.

Mesmo nos dias atuais a interdição a leitura e a escrita está presente. Apesar de a Constituição garantir a educação para todos, as classes populares hegemonicamente ainda vivem um processo alfabetizador que, desconsidera seus conhecimentos prévios, com intuito de mantê-los subalternizados, ou seja, dá-se pouco para mantê-los nesta situação de dependência, sendo portanto o maior desafio da escola alfabetizar as crianças das classes populares de modo a garantir uma metodologia instauradora de sentidos e significados, bem como de proporcionar situações de interação com a leitura e escrita fazendo uso das leituras de mundo dos educandos.

Algo que tem se apresentado evidente até o momento é a dificuldade da escola em entender as necessidades destes/as alunos/as. Ela, muitas vezes, nega seus saberes prévios, sua cultura e suas vivências aos apresentá-los uma linguagem e uma realidade socialmente construída e reproduzida: um currículo inflexível que serve as classes privilegiadas. No entanto, ao mergulharmos nosso olhar na prática cotidiana observamos que os sujeitos escolares vão construir maneiras de burlar esse currículo oficial e ampliar o seu repertório de conhecimentos utilizando-se de seus valores, costumes, formas de pensar e ser.

É preciso conhecer e valorizar a cultura das crianças, descobrir seus saberes e aproximar a cultura escolar e cultura local, a fim de incluir socialmente, culturalmente e politicamente essas crianças tornando a escola uma instituição a favor dos alunos de classes populares que não mais os silencia, mas que toma suas histórias como ponto de partida na tarefa de descobrir e se apropriar da linguagem escrita como ferramenta política de valorização da sua identidade.

Se as crianças fracassam na escola, há de se pensar as intervenções pedagógicas. A interlocução com Morin (2003) nos ajuda a repensar e a transformar a prática pedagógica, compreendendo a complexidade do espaço escolar e a necessidade de uma prática dialógica, com também sinaliza Freire.

Vale ressaltar que o diálogo realiza-se entre pares, através do respeito as diferenças, da disponibilidade para com o outro. Como nos ensina Freire: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica, em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História.” (2004, p. 136).

O exercício de uma prática dialógica atenta as transformações dos sujeitos escolares pode possibilitar a criação de um ambiente alfabetizador situado num tempo histórico. Segundo Araújo (2001), o ambiente alfabetizador não deve ser único, deve ser específico, de acordo com a realidade onde estão inseridos os alunos e a professora. “O que pode representar, hoje, um rico ambiente alfabetizador, amanhã pode não dar conta, pois as experiências das crianças (...) já se modificaram tanto, que as necessidades serão outras”. (*ibidem*, p. 148). Para enriquecer o ambiente alfabetizador é preciso acima de tudo desenvolver uma *escuta sensível* e criativa para trabalhar com os imprevistos que a vivência no cotidiano escolar proporciona.

## 2- A ENTRADA NA PESQUISA: ENTRE A ATRAÇÃO E O MEDO

Vivo me questionando, pensando como podemos aproximar a cultura/existência destes volumes que tanto valem a respeito da vida.

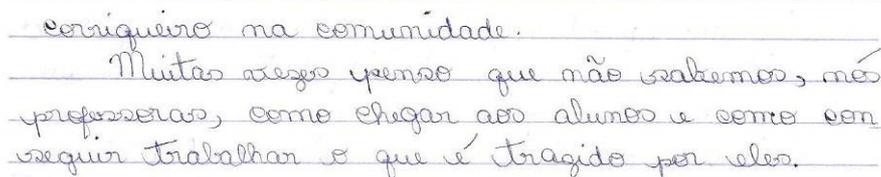
Crianças que trabalham catando latinhas, papéis para vender... Muitas vezes até valimentos vão recolhidos no aterro sanitário. Até o próprio material escolar. Várias vezes já percebi que os cadernos trazidos para a escola eram vendidos lá no lixo, lugar que para eles é visto como uma mina de ouro.

São tantas histórias, tantas tragédias que não consigo me manter neutra, nem distanciada desta triste realidade que está tão próxima de nós.

Antes ficava checada com as coisas que dos colônias, hoje depois de 3 anos vivenciando essa realidade, as coisas não mudaram muito pois muitas das vezes fico checada frente a fatos ocorridos.

Lembro-me bem, ~~depois~~ logo que fui trabalhar nesta escola. Minha primeira turma foi uma alfabetização, basicamente formada por crianças de 6 anos, ~~em~~ certo dia estávamos conversando sobre algo e eles vieram me contar que de vez em quando uma pessoa era jogada no incinerador de lixo. Tive que sair da sala para me recompor e conversar com alguém sobre este fato (que foi confirmado).

O que mais me assustou foi a naturalidade com que me contaram, isto que é um fato



escriquero na comunidade.  
Muitas vezes penso que não sabemos, nós professoras, como chegar aos alunos e como conseguir trabalhar o que é trazido por eles.

Imagem 1: Relato de experiência

Trabalho na Escola Municipal José de Anchieta há cinco anos e dez meses e percebo como é desafiador ensinar estes alunos, que possuem experiências tão diferentes e ricas que as ensinam a ler o mundo fora da escola.

O desafio de alfabetizar os/as alunos/as é algo que me motiva muito. Trata-se de um tema que me deixa muito entusiasmada e aflita também, um campo atraente pela efervescência de sentidos, de vida, que é pesquisar a alfabetização das classes populares. Um campo que causa temor devido à responsabilidade cotidiana de criar estratégias pedagógicas que auxiliem na alfabetização desses/as alunos/as.

Segundo Freire, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (2004, p. 39). Verificando os escritos reflexivos e pessoais que fui produzindo ao longo de minha vivência na escola, observei que a preocupação de *pensar criticamente a minha prática* tem acompanhado minha trajetória docente. Ao deparar-me com o relato acima sensibilizei-me ainda mais acerca da necessidade de aprofundamento de meus estudos sobre a alfabetização das classes populares.

É fundamental que a professora alfabetizadora reflita sobre sua prática cotidiana, a fim de posicionar-se como pesquisadora, elaborando uma prática docente crítica. Assim, ser professora pesquisadora fornece instrumentais teórico-práticos para trabalhar com as distintas experiências dos/as educandos/as.

No meu relato apresento uma preocupação em relação ao contraste social das minhas vivências pessoais com as vivências dos meus alunos, porém observo que só conhecendo suas histórias de vida é possível criar uma atmosfera dialógica entre nós, na qual o conhecimento se produza.

O cotidiano é uma teia de significados que nos revelam registros de um processo cheio de dilemas, de possibilidades, de imprevistos que tomados como objeto de estudo nos ajudam a perceber a diversidade de situações que acontecem no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Garcia (2002) nos aponta que a professora no exercício da prática docente é portadora de uma teoria adquirida em seu curso de formação, teoria atualizada a cada dia, na relação com as crianças e os seus desdobramentos sociais.

Dado ao exposto, visio problematizar a questão que defendo neste trabalho monográfico, a dificuldade enfrentada cotidianamente por nós professoras para alfabetizar as crianças oriundas das Classes Populares e dentro desse contexto explicitar nossas dúvidas e preocupações na tentativa de romper com a estigmatização declarada aos alunos e alunas das classes populares.

Descrevo abaixo o campo de pesquisa e em seguida apresento algumas situações que foram desenvolvidas com os alunos da Escola Municipal José de Anchieta e que foram instauradoras de sentido no trabalho de estímulo a apropriação da leitura e escrita.

## **O CAMPO PROPRIAMENTE DITO**

A Escola Municipal José de Anchieta, com sede à rua B, s/nº, Morro do Céu – Niterói, Estado do Rio de Janeiro, é uma unidade integrante do Sistema Municipal de Ensino da Prefeitura Municipal de Niterói, pertencendo à Secretaria Municipal de Educação de Niterói.



Fotografia 2: Faixada da Escola

Suas instalações físicas foram inauguradas no governo do prefeito Ronaldo A. C. Fabrício, na gestão do secretário municipal de educação Helter Jeronimo Luiz Barcelos em 1976. Pelo decreto nº 2.789/77 de 07 de janeiro de 1977 recebe a denominação de Escola Municipal José de Anchieta e inicia seu efetivo funcionamento para a comunidade em 24 de agosto do mesmo ano.

Sua clientela é basicamente composta pela população do bairro do Caramujo, especialmente, por aqueles que vivem em torno das atividades sócio-econômicas nas adjacências do aterro sanitário do Morro do Céu, conhecido como *lixão*.

A escola abrange todo o Ensino Fundamental e tem cerca de 600 alunos divididos em dois turnos, manhã e tarde. Sua estrutura física constitui-se de um prédio de três andares, sendo composta de 13 salas de aula, uma biblioteca, uma sala recursos, uma sala de informática, uma quadra de esportes, uma sala dos professores, um refeitório, uma sala da direção.

Sua estrutura organizacional é composta por duas diretoras, duas pedagogas que exercem a função de supervisão e orientação educacional e três coordenadoras de turno, além dos professores regentes e de apoio.

A escola atende do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, sendo os anos de escolaridade organizados em ciclos. Segundo a Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Educação de Niterói:

Os ciclos trabalham com períodos alongados em que a idade e os interesses comuns dos alunos são os principais articuladores dos processos de construção de conhecimentos, práticas e valores. Dessa forma o conhecimento escolar pode ser organizado em complexos temáticos, projetos de trabalho, temas geradores, entre outras estratégias que valorizem a articulação das diferentes áreas de conhecimento. (p. 24)

A organização do ensino em ciclos é decorrente do reconhecimento de que os seres humanos são muito diferentes entre si e que não se desenvolvem no mesmo tempo, da mesma maneira, nem na mesma sequência.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola foi elaborado pela equipe técnica com os/as professores/as na década de 90. Presentemente a equipe pedagógica da Unidade Escolar percebe que é de grande urgência a necessidade de rever cotidianamente este PPP, pois muitas mudanças ocorrem todos os dias na escola surgindo novos anseios, novas teorizações, produzindo novas práticas pedagógicas e ações, que consideramos importante que sejam registradas.

A Fundação Municipal de Educação construiu um documento de acompanhamento processual individual do aluno, visando subsidiar uma avaliação mais detalhada de seu desempenho acadêmico ao longo do ano letivo.



O documento apresentado acima traz o resumo dos registros realizados pelas professoras a respeito do processo de formação de cada aluno/a durante o ano letivo. As professoras veem esse documento como uma contribuição para avaliação dos/as alunos/as visto que no momento de sua elaboração a professora se debruça sobre seus registros buscando refletir sobre os avanços e dificuldades do aluno durante aquele período. Estes relatórios são preenchidos pelas professoras de referência das turmas ao final do ano e geralmente são consultados no ano seguinte pela professora que dará continuidade ao trabalho.

### **3- O VAI E VEM DO PASSADO – UMA COLCHA DE RETALHOS... MEMÓRIAS DOS ALUNOS DO MORRO DO CÉU**

Segundo Freire, “viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente”. (2004, p. 136). Vivenciando a recomendação de Freire fui construindo um diálogo com meus/minhas aluno/as. Tais diálogos, permitindo-me aproximar da realidade descrita por eles/elas, ainda que impactante para mim, possibilitou-me realizar uma ação pedagógica com a intenção de conhecer suas histórias de vida, para encontrar em suas memórias o texto a ser escrito.

Desafiada a trabalhar com as experiências dos/as alunos/as para que as suas leituras de mundo pudessem mobilizar a “leitura e a escrita da palavra” elaborei o projeto *Costurando memórias*, que foi desenvolvido numa turma de 3º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental, tendo como objetivo central trabalhar a questão da história e memória local dos educandos/as.

As reflexões possibilitadas pela experiência vivida no projeto possibilitaram que o mesmo fosse utilizado como trabalho final da disciplina Estágio Supervisionado II, que tinha como objetivo socializar as ações realizadas em uma escola. A disciplina em questão, ministrada na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro aos alunos do 6º período do curso de Pedagogia, tinha como uma de suas finalidades que os professores e professoras pesquisadores/as em formação elaborassem e desenvolvessem um projeto de trabalho no cotidiano de uma turma de Ensino Fundamental visando contribuir no desenvolvimento de práticas instituintes. Após a apresentação deste, foi-me sugerido a participação no *Seminário FFP para todos* no qual realizei exposição oral deste projeto juntamente com outros alunos da faculdade.

Os tempos atuais exigem um projeto pedagógico, dinâmico, crítico, investigativo e criativo, que compreenda os múltiplos sujeitos e suas interações com o espaço, descoberta e produção de sentido.

Nesse contexto acreditamos que a educação de nossas crianças deve estar fundamentada na abertura para o diálogo, para autonomia, como nos ensina o mestre Paulo Freire (2004). Sublinha-se aqui a importância, para o processo de formação do

indivíduo como sujeito social, histórico e cultural, dos elos e associações que a criança faz/pode fazer a partir de suas experiências com representações culturais de outros tempos-espços.

A partir do trabalho memorialístico da instituição escolar construímos espaços narrativos que envolviam os diversos sujeitos escolares agregando novas significações a identidade local.

Tomamos como ponto de partida a leitura do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* de Mem Fox, como ferramenta para desenvolver o conceito de memória. Utilizamos a literatura infantil buscando um diálogo com Souza, a autora afirma que a literatura infantil auxilia na elaboração de algumas reflexões, ressaltando ainda “que as histórias também ensinam, permitindo-nos construir/ampliar conhecimentos assim como compreender um pouco melhor realidade que nos cerca”. (2003, p.6)



Fotografia 4: Roda de leitura realizada com a turma

Após a leitura do livro realizamos uma conversa, na qual sugerimos que os alunos registrassem os fatos significativos da história.



Figura 5: Desenho da aluna Dayanne

Em seu desenho, a aluna utiliza uma linguagem de quem apresenta o livro lido, demonstrando conhecimento da linguagem escrita, pois ela reconhece a diferença entre o texto escrito e lido pela professora e o texto que apresenta a parte que ela mais gostou na história, revelando conhecer uma das funções sociais da escrita que é registrar seus gostos.

Outros alunos, porém, não se detiveram aos aspectos da história, ao serem solicitados a apresentar o conceito de memória trouxeram suas experiências de vida para expor ao grupo como o caso do aluno Rodrigo que não apresentou uma parte da história, mas optou por relatar um momento vivenciado com sua mãe em um passeio ao Horto, como é possível observar na imagem abaixo.



Figura 6: Desenho do aluno Rodrigo

Ao apresentar suas vivências pessoais o aluno evidencia que a atividade realizada conferiu sentido a seu aprendizado, possibilitando um diálogo, no qual o aluno se sentiu a vontade para apresentar sua experiência familiar criando uma atmosfera favorável a produção de conhecimento. Em seu relato o aluno nos aponta a importância do sentido no processo de aprendizagem, corroborando ao entendimento de que toda aprendizagem só realiza de fato quando o sentido está presente como nos ensina Sanches, “(...) Só assim se verifica a mobilização do sujeito enquanto totalidade: razão, sensação, sentimento, intuição, imaginação estão presentes quando a atividade tem sentido.” (2001, p.39).

Ao realizar o desenho o aluno não utilizou a escrita como principal ferramenta de comunicação, respaldando-se na oralidade compartilhando com a turma a história registrada no desenho, nesse momento a história narrada serviu como estímulo ao texto a ser escrito.

Em seguida, realizamos a oficina de educação patrimonial intitulada “Costurando Memórias”, na qual os alunos foram convidados a costurar suas memórias individuais, formando a memória coletiva do grupo. O objetivo era enfatizar a relação entre a história da escola e a construção da identidade dos sujeitos que nela estão inseridos abordando o conceito de memória trazido no livro e na roda de conversa. Este conhecimento permitiu que todos os envolvidos se situassem neste espaço sentindo-se sujeitos da história da escola.

Iniciamos esta parte da oficina apresentando a palavra memória e solicitamos que os alunos apresentassem outras palavras relacionando-as. Nessa atividade, observamos que os alunos foram apresentando palavras referentes a memória escolar, como é possível observar na figura abaixo.

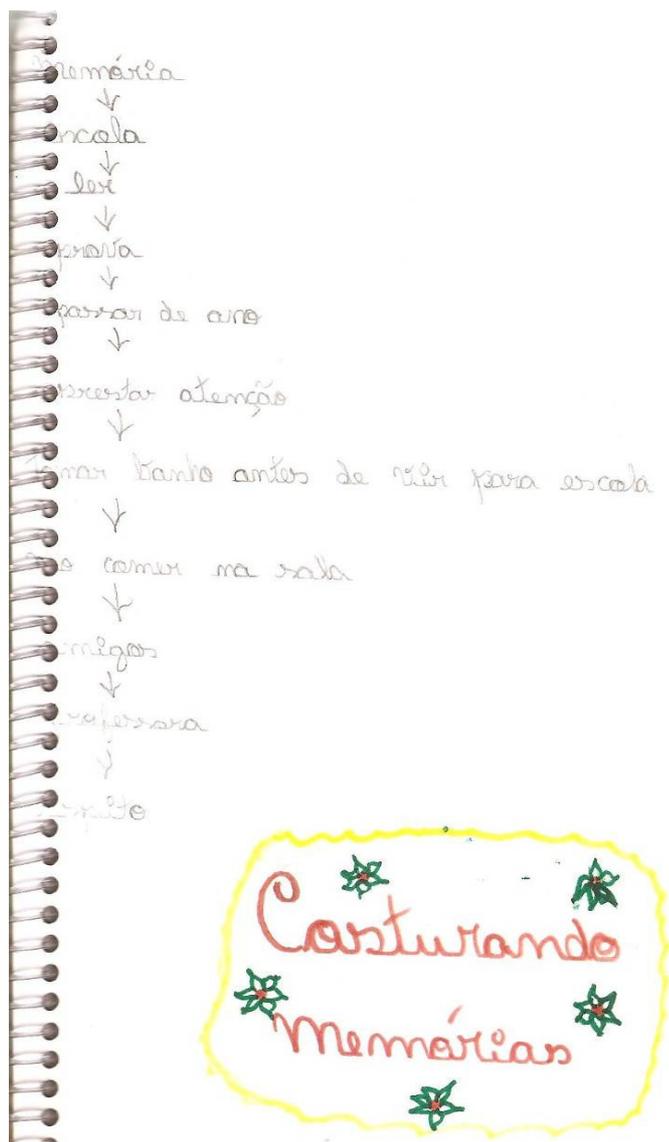


Figura 7: Escrita realizada pela aluna Paola

A aluna na sua escrita utiliza a seta como recurso imagético para demonstrar que as memórias estão costuradas, demonstrando que a imagem também confere sentido ao texto, e que desta forma existem várias linguagens.

O trabalho com o resgate da memória dos sujeitos escolares traz à tona as experiências humanas nas mais variadas formas, com sentimentos, crenças, ideais. Segundo Larrosa (2002) memória é tudo aquilo que nos deixa marcas, as palavras utilizadas pelos alunos são bastante emblemáticas convidando-nos a refletir a cerca daquilo que tem deixado marcas em nossos alunos.

Na produção coletiva, a leitura foi apresentada possivelmente por ser uma das principais cobranças feitas aos educandos durante as primeiras etapas do ciclo de aprendizagem, em contrapartida, a ausência da escrita enquanto memória escolar dos alunos nos convida a refletir sobre a história desses sujeitos, sendo alunos das classes populares a principal base de conhecimento está centrada na oralidade, secundarizado a escrita.

Em seguida a prova é apontada pela aluna sinalizando um modelo de avaliação destinado a promoção do educando para os anos seguintes de escolaridade. É importante ressaltar que na escola em questão o sistema de ensino é organizado em ciclos e a avaliação é um processo contínuo, sendo a prova apenas um dos recursos de avaliação e não o único, porém o que ainda deixa marcas, pois a sociedade está acostumada com o modelo de avaliação que privilegia a prova.

Ainda é possível observar a escola enquanto espaço afetivo de socialização, a aluna reconhece a importância de se relacionar, ela faz menção aos seus colegas de classe como amigos, os quais leva na memória. A criança nos sinaliza em seu registro sobre o papel relevante do outro no processo de produção de conhecimento apontando-nos que o conhecimento se dá na interação com o outro.

A professora também foi relatada pela aluna evidenciando a importância do seu papel no processo de formação, convidando-nos a refletir acerca da função da professora enquanto mediadora nesse processo com vistas a compreender/conhecer as marcas que enquanto educadores estamos deixando em nossos educandos.

A partir da atividade de rememorar observamos que as narrativas apontam para um significativo processo de valorização local.

Para concluir a oficina os alunos apresentaram objetos pessoais significativos que narravam um pouco de suas histórias de vida. Cada aluno/a apresentou o seu e em seguida produziu um material descrevendo a relação deles com o objeto apresentado.



Fotografia 8: Foto de uma viagem levada pelo aluno Matheus

O aluno Matheus levou uma fotografia da sua viagem e contou como foi importante este momento vivido com sua família. Seus olhos chegavam brilhar enquanto ele contava este acontecimento tão marcante para ele.



Fotografia 9: Aluna Paola

A aluna Paola levou uma boneca que ganhou quando tinha um ano de idade. Contou que foi um presente dado por sua avó materna e que a guardava com muito carinho. Ela contou que através da boneca lembrava-se de sua avó.

Durante o desenvolvimento desse projeto propusemos a turma a realização de uma nova atividade que abordaria as memórias da escola: entrevistas com os funcionários mais antigos da escola e alguns moradores do bairro.

Com objetivo de me aproximar da história local, entrevistei meu pai que é um antigo morador daquele bairro. Ele contou para as crianças como era sua vida quando tinha a idade delas e morava naquele lugar que na época era bem diferente. Os alunos ficaram surpresos ao saber que na infância de meu pai ainda era possível tomar banho no rio que passa perto da escola, rio este que meu avô trabalhou retirando areia e que atualmente está poluído. A experiência de narrar uma vivência pessoal e familiar às/aos alunas/os aproximou-me ainda mais deles/as que perceberam que eu também integro uma família de classe popular.

Com a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre a escola utilizamos as informações contidas no Projeto Político e Pedagógico da escola. Concluímos o projeto socializando as informações coletadas com os/as demais alunos/as da escola propiciando que também conhecessem um pouco mais da sua história percebendo-se como sujeitos históricos.

A criação de espaços de troca de experiências constituiu-se um importante componente potencializador na apropriação da linguagem escrita ao possibilitar não só a criação e circulação de conhecimentos como também ao nos auxiliar enquanto educadores/as a compreender como essas crianças aprendem, como se dá seu processo de apropriação e construção de conhecimentos, como se expressam quando falam de si mesmas e como respondem aos desafios cotidianos.

#### **4- PROJETOS DE LEITURA – QUANDO TODA A ESCOLA SE MOBILIZA EM TORNO DO ACESSO À LEITURA E À ESCRITA**

No processo da investigação percebi as mudanças que ocorreram no desenvolvimento da leitura dos alunos após práticas adotadas pela escola e trazidas pela Fundação Municipal de Educação de Niterói que foram favoráveis à construção de uma educação de qualidade voltada para a necessidade e anseios das classes populares.

Refletindo sobre uma discussão de alfabetização, cada vez mais presente no senso comum pedagógico, que reconhece a leitura e escrita como práticas sociais, há de se pensar porque apesar disso, grande parte da população não consegue aprender a ler e a escrever. Parto do pressuposto de que um dos caminhos para a superação do fracasso destes/as alunos/as é o professor pensar, repensar e refletir sobre sua prática docente. Segundo Freire: “(...) na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. (2004, p.39).

Precisamos investigar o que acontece no cotidiano escolar buscando aprimorar nosso fazer pedagógico. Foi exatamente isso que procuramos fazer enquanto equipe pedagógica ao perceber a urgente necessidade em proporcionar aos alunos da E. M. José de Anchieta um contato maior e mais prazeroso com a leitura. Houve uma mobilização, por parte da escola e de seus sujeitos escolares, em torno do acesso à leitura e à escrita.

Em uma de suas iniciativas com vistas a ampliar o acesso à leitura e a escrita, a escola passou a realizar todos os anos uma festa literária na qual é escolhido um tema e se trabalha em torno dele. Considerando o importante papel da escola na criação e manutenção da relação dos alunos com a leitura, tal iniciativa também contribuía para oportunizar novas condições para que os/as alunos/as pudessem articular leituras de mundo às leituras e escritas das palavras as quais iam se apropriando.

Acreditávamos que a dificuldade de acesso aos livros tanto no ambiente doméstico, quanto na própria escola, que por sua vez não contribuía com a criação de hábitos de leitura, poderiam estar resultando numa defasagem na assimilação, interpretação e compreensão de gêneros textuais diversos. Surgiu então, por parte da equipe pedagógica da escola, a ideia de desenvolver um projeto de leitura no qual

houvesse o envolvimento de todos os integrantes da Unidade Escolar, alunos, professores, funcionários, direção, Equipe Técnico Pedagógica e comunidade.

#### **4.1- FEIRA LITERÁRIA: um dos projetos de iniciativa da escola**







Fotografias 10, 11, 12 e 13: Apresentações  
na culminação do Projeto de Leitura: A arca de Noé chegou ao Morro do Céu

A riqueza das imagens que falam por si retratam a escolha de um dos temas selecionados pelo grupo. A escolha da Arca de Noé, livro de Vinícius de Moraes, foi devido à grande contribuição do livro, que reúne poemas infantis com caráter lúdico. Partindo então dessa ideia, houve a implantação do “Projeto Leitura na Escola / A arca de Noé chegou ao Morro do Céu”. O principal objetivo foi estimular os educandos à prática da leitura, despertando assim, a imaginação, a criatividade e a fantasia. Formando leitores críticos e reflexivos.

Foram trabalhados vários textos/músicas de Vinícius de Moraes, realizou-se eleição para a escolha do nome do projeto, houve apresentações de danças, dramatizações e leituras de poemas, exposição de livrinhos confeccionados pelos alunos sobre o tema, tudo isso ressaltando as produções realizadas pelos alunos ao longo do projeto.

Podemos afirmar que a escola cumpriu com êxito uma de suas funções no que se refere à relação criada entre as crianças e a literatura. Ela proporcionou aos alunos um relacionamento próximo, constante e sistemático com a leitura. Trouxe a possibilidade de trabalhar diferentes textos e também a música como texto. Acredito que ações como estas que auxiliarão na transformação do quadro da alfabetização no Brasil.

#### **4.2- TRABALHANDO COM OS CONTOS DE PEDRO MALASARTE – aderindo aos projetos propostos pela Fundação Municipal de Educação**

Um dos projetos de iniciativa da Fundação Municipal de Educação adotado pela escola, com as devidas adaptações ao trabalho pedagógico, foi o Programa Magia de Ler, idealizado pela Editora Melhoramentos, com intuito de aproximar as crianças dos livros. A proposta sugerida inicialmente pela equipe de formação foi adaptada por mim para a turma do 3º ano do Ensino Fundamental.

Dei início à oficina realizando uma roda de conversa onde perguntei se já conheciam o personagem Pedro Malasarte. Constatei que os alunos não o conheciam. Então resolvi iniciar com a leitura de um texto chamado *Quem é Pedro Malasarte?*. Após a leitura comentamos a respeito de algumas características do personagem. Falamos de como ele era esperto, inteligente e artesão.

Depois de apresentar o personagem para os alunos, li um conto chamado: *Sal no café? Vinagre no leite? Pimenta na manteiga?* e expliquei que se tratava de um conto que fazia parte de um livro chamado *Novas aventuras de Pedro Malasartes*, que narra as histórias pelas quais o Pedro Malasartes passa durante sua viagem de volta para casa.

Os alunos logo perguntaram se era um conto do Hans Cristian Andersen, autor que vinha trabalhando com eles. Expliquei que não era do Andersen, era de um autor chamado Hernâni Donto.

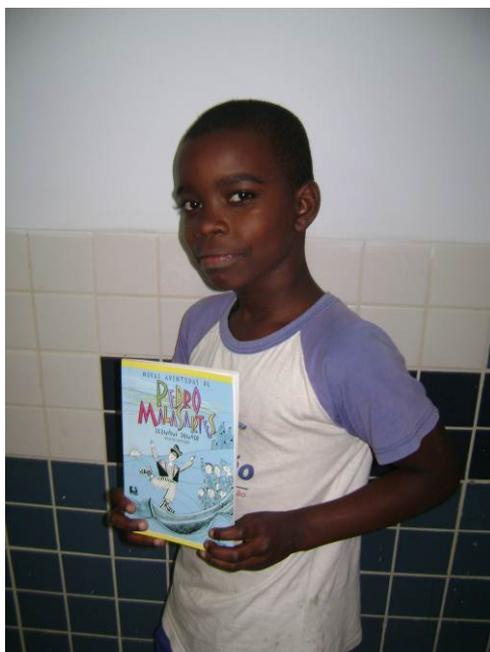
Antes da leitura explorei um pouco do título. Quando falei o título da história e perguntei o que achavam que a história ia dizer, eles disseram que devia ser uma coisa muito ruim. Um dos alunos logo falou: -- *Isso deve ter sido alguma das artes do Pedro!* Quando comecei a ler as crianças começaram a rir com os acontecimentos da história

que foram uma surpresa para eles. Ao término pude perceber que apreciaram bastante este conto. Segundo eles é muito divertido. Até perguntaram se encontrariam outras histórias do Pedro Malasartes na biblioteca da escola. Disseram que adorariam ler mais textos com este personagem, pois gostaram muito dele. Uma das crianças comentou com entusiasmo: -- *Nossa como ele é esperto!*

Fiquei orgulhosa com a participação dos alunos. Após a conversa apreciativa propus aos alunos que ilustrassem o Pedro Malasartes. O resultado desta atividade foi muito interessante. Surgiram desenhos muito variados, cada um criou um personagem do seu jeitinho, porém dentro das características levantadas. Ao realizarem a atividade descrita acima os alunos demonstraram compreensão da história e atenção aos detalhes.

Apono mais uma vez a importância do contato rotineiro dos alunos com a leitura, percebe-se que tal ação propiciou um encantamento dos alunos pela leitura.

Posso afirmar que estas atividades auxiliaram na finalidade de reforçar o gosto pela leitura. Segundo a professora atual destes alunos, estas crianças adoram ler, se revelaram leitores em potencial.



Fotografia 14: Aluno Thiago que gostou muito do Pedro Malasartes e ficou interessado em ler outras histórias do personagem



ERROR: undefined  
OFFENDING COMMAND: f'~

STACK: